



ANONIMATO SEM RESPONSABILIDADE

O já constante crescimento do número de recém-nascidos abandonados tornou-se tópico recorrente em todo o país. Os recentes casos, como o da recém-nascida jogada em um córrego pela mãe, em Minas Gerais, ou o do bebê encontrado dentro de um balde de lixo em São Paulo, levam a questão a patamares elevados, para que se diminua drasticamente o número de abandonados.

Muitas propostas foram criadas com o objetivo de diminuir a quantidade de casos como esses, sendo a mais debatida a criação da lei denominada “parto anônimo”. Segundo esta, a mãe, após dar à luz, se alegar não possuir condições de criar o filho, pode entregá-lo à adoção no hospital, permanecendo anônima.

França, Itália, Luxemburgo, Bélgica, Áustria e parte dos Estados Unidos já adotaram o projeto como forma de conter os números e oferecer uma melhora na qualidade de vida. Espanha, que recentemente aboliu a lei, alega que o parto anônimo vai de encontro com os ideais de ética que sua nação prega. As autoridades também dizem que seria muito fácil a mãe desistir de sua responsabilidade.

Segundo o médico Renato Costa Monteiro, que é favorável à resolução, o parto seria uma forma de criar oportunidades a pessoas que, se seguissem com seus pais biológicos, não as teriam. A resolução, vista de um ponto psicológico, também teria pontos positivos, já que, segundo especialistas, a adoção amenizaria o trauma provocado pelo abandono. De acordo com a Unicef, casos de abandono em rios ou lixo são extremos e raros, visto que a maioria das mães abandona seus filhos em locais seguros, como hospitais.

Denis Moraes Ferrari, obstetra especializado em pré-natal, é contra a proposta, dizendo que é uma forma de tirar a responsabilidade de um casal. Seria muito fácil, pois a maioria das pessoas não é consciente do que é responsável e transformaria uma idéia que tem como base a ética de melhorar a qualidade de vida em uma forma de se desfazer de possíveis erros do passado.

A lei precisa se tornar mais rígida; a implantação de mais uma dentre muitas seria perda de tempo. Não adianta mostrá-la como forma de criar oportunidade, se condições necessárias para que exista serão inviáveis.

William de Melo
2º ano / Itajaí
2008